Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

FÁBIO BERRIEL/DIVULGAÇÃO/JC



Espaço central na cultura gaúcha reabre as portas nesta quinta-feira, após restauração e reformas; *Todas as minhas mortes*, de Júlio Conte, é destaque da programação de retorno

ARTES CÊNICAS

Um Theatro São Pedro mais acessível

Andressa Pufal
andressap@jornaldocomercio.com.br

Fechado desde março de 2025, o Theatro São Pedro reabrirá suas portas nesta quinta-feira, 26 de novembro. O espaço cultural passou um ano e oito meses fechado para receber diversas obras de reforma e restauração, incluindo medidas de modernização, segurança e implementação de planos contra incêndio e estruturas de acessibilidade.

Com investimento de mais de R$ 20 milhões, o teatro do século XIX ganhou tecidos antichamas em poltronas, carpetes e cortinas, além de sinalizações de fuga e um moderno sistema de exaustão. As intervenções também priorizaram a acessibilidade (com instalação de rampas, espaços reservados para cadeirantes na plateia e um elevador que atende até o último pavimento) e o restauro patrimonial, com a revitalização do lustre, do forro pictórico e das pedras portuguesas da calçada frontal. "Segue sendo a casa da Dona Eva Sopher, manteve a mesma essência", diz Cristiane Foppa, diretora operacional do Theatro. "Mas agora é um espaço mais moderno e acessível."

Para celebrar a volta do teatro mais antigo da cidade, serão duas semanas de programação especial com muito teatro, música e dança. A agenda comemorativa tem atrações como o espetáculo de dança contemporânea *Como Água*, na sexta-feira; show de Adriana Calcanhotto, no sábado; e no domingo, será possível conferir *Todas as Minhas Mortes*, solo teatral de Júlio Conte, com direção de Marcelo Restori. A grade completa e os ingressos estão disponíveis no site da casa.

Há duas felizes coincidências nesta reabertura. A primeira é a apresentação do musical *Piaf - Eu não me arrependo*, que acontece em 5 e 6 de dezembro e remonta a outro capítulo da história do espaço. Em 1973, o prédio também passou por um amplo restauro, reabrindo em junho de 1984, com Bibi Ferreira cantando Piaf em uma célebre temporada.

E quem também estava na programação de reabertura, quatro décadas atrás, era Júlio Conte, com o clássico *Bailei na Curva*. Agora, o dramaturgo retorna ao Theatro para celebrar mais um retorno do espaço, com um monólogo autoficcional que traz Édipo, Sísifo e Hamlet em um texto original livremente inspirado em Shakespeare.

"*Todas as minhas mortes* tem uma certa continuidade emocional com o *Bailei na Curva* e, no fim das contas, evolui para essa ideia de autoficção", explica Conte. "A autoficção é uma história que é verdadeira, mas que não depende dos fatos para ser verdade. A montagem é uma espécie de artesanato de ideias, que reúne poemas que escrevi quando perdi meu filho, mitologias, momentos cruciais na vida de uma pessoa e uma elaboração de experiências emocionais muito radicais na minha própria vida."

Em cena, o fantasma de Hamlet assombra o artista diante da paternidade e da morte, em uma profunda reflexão sobre o luto e a finitude da vida, explorando as complexas relações entre pai, mãe e filho. Conte evoca a paternidade e a paralisia cerebral de seu filho Pedro, costurando essa experiência com as memórias de seus próprios pais. A figura simbólica de uma grande pedra em cena representa o silêncio e o peso do destino.

"Em certo sentido, é uma peça que tem 70 anos e mais de 50 anos de ensaio", reflete o dramaturgo. "Esta peça é uma história minha, mas também é a história de todo mundo. Eu uso palavras sussurradas no meu ouvido pelo meu filho, que não falava, nunca falou. São palavras que eu acabei usando no palco, contando a história dos outros como se fosse a minha e contando a minha como se fosse dos outros. Este é o objetivo do teatro: encontrar algo que nos humanize e nos identifique uns com os outros."

Investigando a condição humana e a busca por sentido diante do sofrimento e da perda, o texto traz o luto como constituinte essencial da própria humanidade. "A história da humanidade é uma história de luto, uma história de elaboração", explica Conte, que também é psicanalista. "A gente caminha num monte de ruas com nomes de pessoas que já morreram. A gente lê livros de pessoas que já morreram. A história da humanidade é contada por pessoas que já morreram."

Nenhum lugar mais apropriado para este grande espetáculo de elaboração, identificação e reconhecimento do indivíduo enquanto parte de algo maior. "Eu já estou arrepiado desde agora. É muito emocionante voltar para o Theatro São Pedro nessa circunstância com essa peça. É a história de uma vida e eu acho que toda a minha vida ganha sentido com essa apresentação", conclui.